**BANDEIRAS EM PUNHO: AS MULHERES NA LUTA SINDICAL E A**

**CONTRIBUIÇÃO DO SINDICATO PARA A FORMAÇÃO HUMANA E**

**PROFISSIONAL**

 FRANÇA, Maria da Conceição Fernandes de1

 AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira2

**RESUMO**

Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado, em que apresentamos as narrativas das mulheres e suas histórias de vida individuais e coletivas, as aprendizagens adquiridas na militância e utilizadas em suas experiências como professoras. As contribuições dadas pelo SINTE/RN3 para a sua formação docente, e como essas contribuições têm refletido em seu modo de ver, viver e se perceber enquanto sujeito social. Destacamos como objetivo, analisar, a partir das vozes das professoras militantes, a relação do sindicato com a formação docente e como este se constitui espaço formativo. Utilizamos o método (Auto) biográfico, através de rodas de conversas, em que as suas histórias de vida narradas e compartilhadas nos dão uma melhor condição de percebermos de que forma o SINTE/RN tem contribuído para a formação humana da prática docente. Através de suas narrativas, procuramos compreender como a vivência nos movimentos sociais, em particular o contato com o SINTE, tem proporcionado uma formação direcionada para a aquisição de posturas verdadeiramente humanas, levando em conta o sujeito profissional e toda sua dimensão pessoal e subjetiva, enquanto identidades indissociáveis e complementares para o ser na sua totalidade. Identidades construídas a partir de sua inserção nas lutas sociais e nas possibilidades de novas alternativas para a realidade da educação no país. Possibilidades que se levantam de acordo com o jeito de ver, refletir e relacionar-se nela.

**PALAVRAS-CHAVE**: SINDICATO; MOVIMENTOS SOCIAIS; MULHERES;

FORMAÇÃO DOCENTE.

Nos últimos anos a concepção do mundo tem evoluído no sentido da valorização de novos

conceitos de formação, considerando a subjetividade dos sujeitos e suas relações com o meio

externo. As ciências vêm ampliando e aprofundando cada vez mais as reflexões metodológicas,

1. Mestra em Educação. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: naidefernandes@hotmail.com
2. Doutora em Sociologia. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/RN, Diretora da DAIN – Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas. E-mail: oliveiraaguiarpetro@gmail.com
3. Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Rio Grande do Norte.

Eixo Temático V: Educação Popular, Movimentos Sociais e Educação do Campo.

abrindo espaço para novas pesquisas, pois o mito dos métodos quantitativos enquanto únicos e verdadeiros foi abatido e, hoje, as pesquisas fundamentadas nas análises e interpretações do universo coletivo vivido em diversos contextos sociais, são consideradas de extrema importância para a compreensão sobre a formação profissional nos espaços (in) formais da educação. Compreendendo que a identidade do sujeito enquanto ser universalmente humano ultrapassa as aprendizagens adquiridas dentro da academia, pois esta ainda tem dado pouca abertura para as questões subjetivas, os modos de vida e as percepções de mundo dos sujeitos, as pesquisas vão percorrendo outros espaços que legitimam as questões mais complexas da vida em sociedade: o eu e os outros, o eu com os outros e nós com o todo. A profissão docente é muito maior do que a habilidade técnica da sala de aula. Para ser uma docência competente e reflexiva, que contribua para as transformações sociais, ela precisa considerar o sujeito no seu todo, enquanto profissional e ser humano na sua totalidade. Nóvoa (1995) há muito vem estudando sobre a questão da profissionalização e suas dimensões que podem e devem compreender o profissional enquanto sujeito que carrega suas histórias e suas experiências extraídas da vida em sociedade. Para ele, uma formação que se defina como processo reflexivo e transformador precisa, necessariamente, considerar que não há como dissociar o profissional do indivíduo e seu contexto identitário. Para o autor:

É neste quadro que o estudo das problemáticas relativas às questões de ensino/educação/formação tende a diversificar-se e aprofundar-se, contemplando também a figura do professor, através de uma perspectiva poliédrica, multifacetada. Ultrapassam-se as visões clássicas que o situam na eficácia do seu fazer, como agente social, no espaço restrito da sala de aula, para o considerarmos de forma integrada, como homem/cidadão/profissional, em devir, inserido e em ação, na sociedade do seu tempo. (NÓVOA, 1995, p. 159)

Mais adiante o mesmo autor aponta que na construção da identidade docente está vinculada a dimensão pessoal e seu percurso de vida trilhado com outros sujeitos, nos diversos contextos e, por isso, é importante considerar e refletir sobre as diversas situações pessoais e profissionais e seus efeitos para sua formação. Segundo Nóvoa (1995, p. 161), “é neste sentido que posteriormente temos vindo a trabalhar, questionando o valor das mudanças de práticas e dos projetos pedagógicos como vias alternativas de formação, enquanto reconsideramos a metodologia de histórias de vida [...].”. Os trabalhos baseados nas histórias de vida dos/as professores/as como método de pesquisa qualitativa e como processo de formação, buscam compreender várias questões inerentes ao campo educacional, desde a escolha pela profissão e a relação da docência com as mudanças sociais. Estudos em Passeggi, Souza e Vicentini (2011)

revelam que, a partir dos anos 2000, diversificam-se as pesquisas sobre as histórias de vida no processo de formação e profissionalização docente, trazendo novas abordagens. Nesse interim, encontramos a pesquisa (auto) biográfica como um território que favorece o diálogo entre o/a pesquisador/as e os sujeitos, valorizando seus saberes e suas experiências pessoais. Pois, compreendemos que conhecer a vida do/a outro/a é um modo de formação e (auto) formação, e para esse processo é preciso um retorno reflexivo sobre a sua trajetória pessoal para, a partir dele, se efetuar a ação-formação. Este artigo traz a vivência das mulheres professoras no sindicato, o seu engajamento nas lutas sociais e as contribuições deste para sua formação humana e profissional. Pois, de acordo com Passeggi, Souza e Vicentini, “assim, a escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as “experiências referências” pelas quais passam, dotando a própria trajetória profissional de sentido.” (PASSEGGI, SOUZA e VICENTINI, 2011, p. 378). Utilizamos das narrativas das mulheres professoras e militantes, destacando, sobretudo, as questões referentes à formação no sentido de compreender como se dá esse processo no interior do sindicato e de como elas expressam dentro da sala de aula, contribuindo para a consciência crítica e reflexiva de seus/as alunos/as. Josso nos reforça essa dimensão de pensamento quando diz que “[...] o ato de escrever uma narrativa de vida, centrada na formação, constitui um espaço de reflexão e de conceitualização que pode existir por si mesmo.” (JOSSO, 2010, p. 202). Em seus estudos, Freire (1996) nos mostra que é nos espaços coletivos que a solidariedade e o verdadeiro espírito de humanidade se revelam. Porque é através da organização popular que poderemos construir uma sociedade menos espinhosa em que podemos atuar conforme aquilo que somos, pensamos e agimos. Para ele “a solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância” (FREIRE, 1996, p. 42). Mais adiante, ao discutir ainda sobre o processo de formação desenvolvido a partir da vivência nos espaços coletivos, o mesmo autor considera que a docência não pode jamais estar alheia ao olhar crítico sobre a realidade e nem desconsiderar o sujeito e sua subjetividade. Narrativas de três mulheres professoras que poderiam, assim como tantas outras profissionais da educação, estar em suas vidinhas acomodadas, sem o desgaste do sol lhes queimando a pele exposta nas ruas, as vozes roucas gastas em gritos de protestos, o olhar furioso e reprovador do poder público. Mas, elas enfrentam as adversidades diárias que carregam ao longo da vida por acreditarem que somente a organização popular e a luta coletiva são capazes de promover as transformações necessárias para o bem comum. Compreendem, ainda, que não se pode aquietar

diante das injustiças e que a docência tem um papel fundamental de intervenção na sociedade, no sentido de provocar reações e questionamentos para a reconstrução de novos caminhos que apontem para uma vida humanamente feliz.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, Antonio. **Vidas de Professores**. Porto: Editora Porto, 1992.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora Ltda, 1995.

PASSEGGI, Maria da Conceição.; SOUZA, Eliseu Clementino de.; VICENTINI, Paula Perin.

**Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) Biográfica, Docência e Profissionalização.**

Educação em Revista: Belo Horizonte, 2011.